

# Literalmente Manaus

E que se dane o excesso de sul no Brasil. A cidade manaura é uma maravilha, maninho



Ike Vianna

Thiago de Mello quase comido por manauaras no Livro de Graça na Praça



Manauaras empunham seus Livros de Graça

BETO VIANNA

Tarde de domingo na peixaria Moronguetá, num bairro chamado Felicidade, quase à beira do rio Negro, de frente pro encontro das águas, ladeado pelo escritor, poeta e dramaturgo Zemaria Pinto, por sua bela, índia e poeta companheira Tainá, pelos colegas de Livro de Graça na Praça e por minha filha Tábata, carregando no ventre o neto Aruã, debruçado sobre o prato de matrinxã (meio sem-vergonha, diga-se) com pimenta murupi, baião de dois, farinha de mandioca brava e suco de taperebá com gelo e açúcar. A cerveja expulsa do meu cardápio pessoal, graças a uma coeliíase que demandara laparoscópica retirada da minha vesícula e, três dias depois, graças a um dolorido perrengue por conta de abusar da própria cerveja e de porções desregradas de tambaqui sob o sol agudo de Manaus. Mas isso é outro assunto, interno e lateral demais. Voltemos ao Zemaria. E a Manaus.

Na manhã dessa tarde teve Livro de Graça na Praça ao largo do Largo de São Sebastião, atrás do Teatro Amazonas, de frente pro Palácio da Justiça. A primeira edição do evento em uma praça fora de Belo Horizonte, fora das Minas Gerais, fora, enfim, do Sul Maravilha. E que se dane o excesso de sul no Brasil. Manaus é uma maravilha, maninho. Literalmente.

Dezessete autores convidados, todos quase manauaras, e três vencedores de concurso literário nacional, quase todos manauaras, costuraram seus contos na obra Manaus 20 autores, título com destino certo no mercado editorial: ser repartido gratuitamente, em 3.000 exemplares, pra população ali presente, toda quase manauara, em espaço aberto e público. Livro de Graça na Praça. Zemaria Pinto, mocorongo de nascerça, foi show à parte e parte do show. Não haveria um projeto grande e generoso como o Livro de Graça na cidade sem a ajuda desse bamba das letras que, além de grande, é generoso. Cabeça gostosa de peixe da lista dos contadores de contos do livro, Zemaria capitaneou o time local de colaboradores, escritores e produtores do evento. Zemaria cresceu ele e cresceu sua obra em Manaus. Foi em Manaus que publicou e continua a publicar seus copiosos escritos em prosa e verso, seus poemas de sacanagem, seus livros pra criançada e suas peças de teatro, quase todas encenadas só em Manaus. Manaus é cidade grande no norte, é capital. Manaus é roça pro sul, é interior pros olhos cegos ou olhos baixos do sul. Manaus e o norte são merda nenhuma pro sul, "pronto!", como costuma encerrar conversa um certo poeta Thiago de Mello.

Tessão, tessão. Não há outro termo pra dizer do sentido de "romper a barreira montanhosa do Curral" (pra citar a mim mesmo num artigo no jornal O Tempo) e desaguar livros de graça e mergulhar em caras felizes de leitores e autores numa cidade ao norte, numa cidade da importância de Manaus. Manaus invisível aos olhos baixos do sul. Quem é Ajuricaba? Não sei. Quem são os cabanos da Comarca do Alto Amazonas? Não sei, não sabemos. Comparo a ignorância do sul pras coisas do norte com a ignorância do Brasil pras coisas da Latino-América. Quem é Bolívar ou Martí? Sabemos não. E Hatuey? Não sabemos. Embora saibamos muito bem quem seja Lincoln ou De Gaulle. Tem de olhar pra cima e ver a grande Manaus, Manaus por quem se afogou o tuxaua Ajuricaba, Manaus onde, se quase todos são manauaras, nenhum mais será manaó, que estes foram dizimados pelo bicho-branco, praga de norte a sul, como já havia previsto a sabeldoria dos desana do rio Negro. Triste Manaus suntuosa da borracha, Manaus francesa, de um Eduardo Ribeiro que manda trazer da França incongruente cúpula pro teatro de sua cidade. Manaus francesa e amante das zonas, amante da zona francesa, francamente ama zônica.

"Manaus inculta", diz um poeta quase manauara. "Manaus corrupta", diz o poeta de Barreirinha. "Afofada na bandalheira da Zona Franca", diz Thiago, um dos escritores de Manaus 20 autores. "E foi Manaus que me fez...", "Manaus onde passeava com meu pai e vi, na rua, os homens cumprimentarem uma senhora, dar-lhe passagem, curvarem-se, tirarem o chapéu, e eu, menino, perguntei, quem é essa dama tão importante, meu pai? Ele diz gravemente: é uma professora, aquela que ensina as letras aos homens, para que se tornem advogados, médicos, engenheiros...". Não há mais essa Manaus. Mas custo a crer numa Manaus inculta. Inquieta, sim. Que dizer de uma Academia de Letras que por meio século teve a marca do traseiro amazense do poeta dos "Estatutos do homem", remanescente da briosa geração de 45, inimigo das injustiças de Estado, exilado por mais de uma ditadura e que prefere verdades servidas antes da sobremesa? Esse poeta não renunciou a essa mesma Academia "... constrangido pelas práticas e intenções recentes, ambiciosas de poder, de alguns de seus membros..." como diz trecho da carta de renúncia? É muita vida literária pulsando prum só mausoléu de imortais (lembrem-se de, e comparem

com, a ABL de Sarney, Paulo Coelho e Merval).

Eu, ali visitante de primeira viagem, custo a crer numa Manaus inculta. Manaus de Vera do Val (outra das contistas no livro do Livro de Graça), contadora do rio sensual, do rio Negro, do rio macho. Para desfilar mais autores de Manaus 20 autores, Márcio de Souza, escritor, dramaturgo, cineasta (dos poucos pra quem o sul ergue os olhos) e o escritor, crítico e, principalmente, editor, Tenório Telles que, para o acadêmico-amazonense Ruy Lins, "sacrificou a própria obra pra publicar a dos outros". Esses "outros", quase todos manauaras. Manaus de uma editora inteira - a Valer - há 20 anos dedicada a botar no prelo obras quase todas manauaras. Que Manaus inculta é essa onde as bancas de revista não vendem revistas ou jornais, mas livros usados? Pra não dizer que eu não falei da banca do Joaquim, que lança, na cidade, as obras de Milton Hartoum (se bem que esse quase nada mais manauara, exilado que é no sul). Sebos pela cidade quase toda, sebos nas feiras de artesanato, sebo na Praça do Congresso, sebo na Praça da Polícia. Rodas de leitura no Largo, gente fazendo fila pra pegar autógrafa e sorrindo com o livro na mão, esgotando em poucas horas os 3.000 exemplares do Livro de Graça na Praça.

Custo a crer na Manaus inculta, meu poeta. Mas eu sou moço e moço do sul, eu aprendo. Ano que vem, no II Livro de Graça da Praça de Manaus, tiro essa história a limpo, Thiago.



Livro de Graça na Praça versão Amazonas: Dezessete autores convidados, todos quase manauaras, e três vencedores de concurso literário nacional, quase todos manauaras, costuraram seus contos na obra Manaus 20 autores